

**EDUCAÇÃO FÍSICA LIBERTÁRIA:
UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO MÉDIO**

Rodrigo Barros Capobianco (Prof. da SEE/SP - Membro do NEFEF)

Luiz Gonçalves Junior (Prof. do DEFMH e PPGE/UFSCar - Membro do NEFEF e SPQMH)

Resumo

A Educação Libertária busca valorizar nos processos educativos princípios anarquistas, tais como: a construção coletiva dialogada, o voluntarismo, o estímulo à iniciativa, a não coerção, relações horizontais e não hierárquicas. Princípios estes vinculados ao profundo sentimento de liberdade, respeito e apreço pela produção criativa. Nesta perspectiva, o presente estudo teve como objetivo a análise de uma intervenção com aulas no componente curricular Educação Física baseadas na Educação Libertária junto a alunos e alunas regulares do ensino médio em uma escola da cidade de São Carlos, interior de São Paulo. As questões que cercaram o desenvolvimento das aulas também foram motivo de atenção, a saber: o projeto pedagógico da escola e a relação com os outros componentes curriculares. A questão de pesquisa foi: qual a viabilidade e os reflexos da implementação da Educação Libertária para o componente curricular Educação Física no ensino médio? Nos procedimentos metodológicos adotamos o registro em diários de campo. Baseando-nos nestes foram construídas as seguintes categorias temáticas: frequência e notas; autonomia e auto-organização; gênero; construção coletiva.

Palavras-chave: Educação física escolar; Educação libertária; Autonomia.

Introdução

A Educação Libertária busca valorizar princípios anarquistas nos processos educativos, tais como: a construção coletiva dialogada, o voluntarismo, o estímulo à iniciativa, a não coerção, relações horizontais e não hierárquicas. Princípios estes vinculados ao profundo sentimento de liberdade, respeito e apreço pela produção criativa.

Lamberto Borghi (citado por ILLICH, 1990) sublinha o sentido da Educação Libertária ao afirmar que não existe educação que não seja auto-educação e que educar significa educar-se. Deste pensamento deriva toda teoria educacional libertária. Pois o que se persegue com a educação, nesta perspectiva, é a autonomia que deve, assim, ser estimulada desde cedo.

Ideais de liberdade no componente curricular Educação Física são encontrados e defendidos em algumas produções da área no Brasil, embora seus autores não necessariamente se identifiquem com a corrente de pensamento sócio-político-cultural anarquista. Pode-se citar como exemplos: Freire (1989); Freire e Scaglia (2003); Duckur (2004); Gonçalves Junior, Ramos e Couto (2003); Gonçalves Junior (2007).

Freire (1989) destaca que:

(...) à escola, entre outras instituições, cumpre o papel de formar crianças para exercerem funções na sociedade. Uma sociedade que queira ser livre não deveria conceber uma educação que restrinja a liberdade das pessoas. E nisso a escola tem um papel importante (p.13).

Gonçalves Junior, Ramos e Couto (2003), propõem que os professores/as de Educação Física Escolar, preferencialmente com os professores/as dos demais componente curriculares, pautem seu trabalho na escola na troca de informações e conhecimentos com as demais pessoas envolvidas no processo: gestores/as (diretor/a, coordenador/a), funcionários/as (merendeira, zelador/a, inspetor/a), alunos/as e familiares, centrando a atenção no processo (no apreender construído comunitariamente) e não no produto (lembrança daquilo que foi ensinado).

Em outras palavras, para Gonçalves Junior (2007, p.32):

(...) é prioritário que o conteúdo seja significativo para os/as educandos/as, havendo a necessidade que o/a educador/a *seja com eles/as*, estabelecendo a intersubjetividade, atento não a um produto acabado, mas a um caminho de possibilidades; não a certeza, mas ao inesperado. (...) privilegiando aquilo que é definido pela comunidade escolar a partir de sua realidade política, social, econômica e cultural.

Nesta perspectiva, o presente estudo teve como objetivo a análise de uma intervenção com aulas no componente curricular Educação Física baseadas na Educação Libertária junto a alunos

e alunas regulares do ensino médio em uma escola da cidade de São Carlos, interior de São Paulo. As questões que cercaram o desenvolvimento das aulas também foram motivo de atenção, a saber: o projeto pedagógico da escola, a relação com os outros componentes curriculares e a influência da direção.

A nossa questão de pesquisa foi: qual a viabilidade e os reflexos da implementação de um projeto libertário para o componente curricular Educação Física no ensino médio?

Da Questão Metodológica

Por ser a ciência um empreendimento essencialmente anárquico (FEYERABEND, 1977) é que a trajetória metodológica não deve ater-se a conhecimentos sacralizados, mas manter o espírito aberto para caminhos que possam levar-nos a uma nova compreensão da realidade.

A educação, mais do que aceitar, pede um tratamento pluralista àquele que se propõe a pesquisá-la; agir metodologicamente levando em conta apenas as teorias consolidadas é, além de contraproducente, uma aproximação perigosa da ciência com o que a religião tem de mais paralizante: os dogmas.

Portanto, num primeiro momento, assumimos como eixo orientador da trajetória metodológica a coleta de dados através de um diário de campo (BOGDAN e BIKLEN, 1994) no qual registramos as observações da intervenção pedagógica realizada junto aos escolares de 1ª e 2ª séries do ensino médio e uma escola da cidade de São Carlos, interior de São Paulo. Na intervenção estamos considerando as aulas propriamente, alguns eventos compartilhados por nós com os/as alunos/as no ambiente escolar: a *Feira Cultural*, a *Feira Científica* e o *Sarau*, realizados na escola, bem como as conversas geradas pela convivência com os alunos/as.

Embora a escola na qual foi feita a intervenção não esteja alinhada, segundo seu projeto pedagógico, com a perspectiva libertária de educação, esta autorizou o desenvolvimento do estudo, assim como os escolares e seus pais ou responsáveis.

O diário de campo se mostrou um importante instrumento de pesquisa, possibilitando riqueza de dados de modo detalhado de cada aula, evento ou diálogo. Dos registros no diário emergiram categorias que possibilitaram a construção dos resultados.

Construção dos resultados

Baseando-nos em diários de campo foram construídas as seguintes categorias temáticas: A) *frequência e notas*; B) *autonomia e auto-organização*; C) *gênero*; D) *construção coletiva*.

A) Frequência e notas

Entendendo a expressão Educação a partir da sua raiz latina *educare*, com o sentido de cultivar, extrair de dentro de si mesmo, consideramos que a escola deve ser um lugar privilegiado de criação e recreação com espontaneidade, alegria e prazer. Assim, consideramos que o controle da frequência através da chamada, bem como a atribuição de notas ou conceitos, pode se constituir numa forma de coerção despropositada do ponto de vista da educação libertária.

Deste modo, não utilizamos de tais expedientes na intervenção e, com base no registro em diários de campo, pudemos observar que ao longo do ano letivo a frequência nas aulas variou bastante, com uma tendência à evasão ao final de cada período bimestral.

Entendemos com base em nossas notas de campo que tal situação se deveu a três fatores. O primeiro diz respeito à baixa diretividade das aulas, frustrando uma parcela dos/as alunos/as habituados/as na expectativa de tal forma de condução das aulas. O segundo diz respeito ao isolamento da proposta libertária deste componente curricular em relação aos demais e ao projeto pedagógico da unidade escolar. Como os outros componentes curriculares se valiam dos meios de controle já citados acabavam assumindo um caráter de prioridade no cotidiano dos/as alunos/as que visualizavam no horário destinado à Educação Física uma oportunidade de realizar as atividades indicadas por aqueles. O terceiro é decorrente do baixo prestígio da Educação Física no que tange a preparação para o vestibular, já que conteúdos deste componente curricular não são solicitados em tal processo seletivo e, lembramos que esta experiência de intervenção realizou-se no ensino médio, nível de ensino e em que os/as escolares encontram-se, de modo geral, dedicados a tal empreitada.

B) Autonomia e auto-organização

Um dos objetivos mais perseguidos pela educação libertária é a autonomia dos/as alunos/as e a conseqüente disposição para a auto-organização. Portanto, todas as disposições que caminhavam neste sentido foram estimuladas no decorrer de nossa intervenção.

Algumas ocorrências anotadas em nossos diários chamaram a atenção: a organização de equipes (quando era o caso de algumas práticas corporais) para as atividades transcorreu de modo bastante espontâneo; o alongamento no início das aulas tornou-se uma prática arraigada sem necessidade de "cobrança" nossa; a solicitação do espaço da aula pelos/as alunos/as para a organização de um torneio de "betis" (conhecido em algumas regiões do Brasil por "taco") nos indicou que o espírito da auto-organização ganhou muito na turma.

C) Gênero

A Educação Física tem um papel importante na discussão da temática gênero, seja pela desmistificação do discurso que supõe a limitação feminina perante o homem no campo esportivo que infelizmente ainda se faz presente na escola e em nossa sociedade, seja pelas situações que acabam ocorrendo em aula, que extrapolam a esfera da atividade física e abrem caminho para tratar de temas como a sexualidade, a violência, o respeito as diferenças e o direito a igualdade de oportunidades.

A temática do gênero se fez assim bastante presente nas aulas realizadas no decorrer do ano letivo, começando pelo dia da assembleia em que todo/as alunos/as votaram nas temáticas que queriam ver contempladas nas aulas, voltando à tona em vários outros momentos de nossa intervenção.

Além das temáticas, também foram votados conteúdos a serem trabalhados conjuntamente, entre estes: tênis de mesa, dança, ioga, rugby e jiu-jitsu. No decorrer das aulas propriamente notamos, no entanto, uma predisposição das alunas às atividades consagradas como "próprias" para as mulheres, como a dança, bem como forte resistência dos meninos a esta.

A conseqüência destas posturas poderia ser o empobrecimento das vivências, tanto por parte dos rapazes quanto por parte das moças. Embora em alguns casos - como o do rugby e do jiu-jitsu - a prática tenha sido empobrecida pela baixa adesão feminina, a discussão gerada em torno do tema mostrou-se de fundamental importância para desmistificar estas práticas.

D) Construção Coletiva

Só poderá ter autonomia aquele que puder fazer escolhas sobre o que mais lhe convém. A proposta de uma construção conjunta e dialogada vem neste sentido, pretendendo oferecer um leque de opções aos alunos/as que não seja restritivo logo de saída. Mas buscar dentro do próprio grupo elementos para a diversificação das vivências corporais.

A flexibilidade do cronograma contribuiu para que alguns/mas alunos/as retornassem às aulas. A inclusão do jiu-jitsu e da ioga, assim como a supressão de uma série de conteúdos programados no início do ano, a partir de diálogo conjunto e igualitário, são exemplos da construção coletiva. Apesar dos avanços relativos à construção e reorganização do cronograma a adesão não foi total.

Entendemos, apesar dos percalços, que a experiência com a Educação Libertária mostrou validade e explicitamos que esta se configura com uma proposta inicial que requer aprofundamento e há, neste sentido, certamente, muitas dificuldades a serem transpostas para a efetivação no meio escolar: normas, regimentos, resistências da direção, de parte do professorado, de parte de alguns pais, mães ou responsáveis, dos/as próprios/as alunos/as e, principalmente, nossas próprias limitações.

Referências

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.

DUCKUR, L. C. B. **Em busca da formação de indivíduos autônomos nas aulas de educação física**. Campinas: Autores Associados, 2004.

FEYERABEND, P. **Contra o método**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

II Seminário de Metodologia do Ensino de Educação Física da FEUSP – 2008 – Pôster

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro**: teoria e prática da educação física. São Paulo: Scipione, 1989.

FREIRE, J. B.; SCAGLIA, J. S. **Educação como prática corporal**. São Paulo: Scipione, 2003.

GONÇALVES JUNIOR, L. A motricidade humana no ensino fundamental. In: I Seminário Internacional de Motricidade Humana: passado-presente-futuro, 2007, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ALESP, 2007. p.29-35.

GONÇALVES JUNIOR, L.; RAMOS, G. N. S.; COUTO, Y. A. A motricidade humana na escola: da abordagem comportamental à fenomenológica. **Revista Corpoconsciência**, Santo André, v. 12, p. 23-37, 2003.

ILLICH, Ivan et al. **Educação e liberdade**. São Paulo: Imaginário, 1990.